

## MEMÓRIAS: A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE DE PARNAÍBA/PI NO FINAL DO SÉCULO XIX NA OBRA DE HUMBERTO DE CAMPOS

## MEMÓRIAS: THE REPRESENTATION OF THE CITY OF PARNAÍBA/PI AT THE END OF THE 19TH CENTURY IN HUMBERTO DE CAMPOS

Alexandre César Mendes Araújo<sup>1</sup>  
Amanda Maria dos Santos Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

A pesquisa que se segue tem como objetivo apresentar uma caracterização da cidade de Parnaíba - Piauí nos últimos anos do século XIX através da obra **Memórias** publicada em 1933 pelo maranhense Humberto de Campos, que retrata o período em que o escritor viveu na cidade do litoral piauiense (1894-1899). Na obra é possível observar o lugar que o espaço ocupava no seu imaginário sob a ótica da criança Humberto de Campos que é moldada à medida que ele se insere no meio e passa a se familiarizar com a cidade, seus espaços, sua arquitetura e suas paisagens, ressaltando que esse processo é concomitante ao período de letramento e alfabetização do autor. O apanhado das memórias descritas na obra nos proporciona através de um diálogo com Chartier (2008), Silva (2009) e Silva (2018) um observatório dos costumes, da organização social e da própria estrutura física da cidade, onde a construção do espaço pelo homem é também a construção do homem pelo espaço em um processo simbiótico. **Memórias** ganha um lugar de destaque na obra de Humberto de Campos - composta ainda por crônicas e poesias - tornando-se uma referência historiográfica nos estudos sobre a cidade.

**Palavras-Chave:** Memórias; Espaço; Parnaíba.

### ABSTRACT

This research present a characterization of the city of Parnaíba - Piauí in the last years of the 19th century through the work **Memórias** published in 1933 by Maranhense Humberto de Campos, which portrays the period in which the writer lived in the city of Piauí (1894-1899). In the work it is possible to observe the place that space occupied in his imagination from the perspective of the child Humberto de Campos that is shaped as he fits in the middle and becomes familiar with the city, its spaces, its architecture and its landscapes. , emphasizing that this process is concomitant with the author's literacy and literacy period. The collection of memories described in the work provides us through a dialogue with Chartier (2008), Silva (2009) and Silva (2018) an observatory of the customs, social organization and the physical structure of the city, where the construction of space by Man is also the construction of man by space in a symbiotic process. **Memórias** gains a prominent place in the work of Humberto de Campos - still composed of chronicles and poetry - becoming a historiographical reference in studies about the city.

**Keywords:** Memories; Space; Parnaíba.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma caracterização da cidade piauiense de Parnaíba - Piauí nos últimos anos do século XIX através da obra **Memórias**

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Letras Português na Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira. Email: [alexledz\\_porto@hotmail.com](mailto:alexledz_porto@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, Licenciada em História, Professora da Faculdade de Ensino Superior de Parnaíba. Email: [amssphb@gmail.com](mailto:amssphb@gmail.com)

publicada em 1933 pelo maranhense Humberto de Campos, ocupante da cadeira número 20 da Academia Brasileira de Letras (1919-1934) que retrata o período em que o escritor viveu na cidade do litoral piauiense (1894-1899) e em regiões próximas como os Morros da Mariana e a Praia da Pedra do Sal.

A mudança para a região piauiense acontece após a morte de seu pai. Lá, ele juntamente com sua mãe e suas tias buscava melhores condições de sobrevivência. Muitas das memórias do autor remontam aspectos da organização da sociedade parnaibana tais como a infraestrutura da região, as condições de saúde e educação existentes e sob duas óticas distintas, a do menino recém-chegado na cidade e a do escritor no final da vida registrando suas memórias.

Isto posto, através de algumas passagens do livro intenta-se propor uma aproximação histórica do texto com o respectivo momento retratado para caracterização dos espaços envolvidos no mecanismo social de então, como destaca Chartier

Trata-se, portanto, de identificar histórica e morfologicamente as diferentes modalidades da inscrição e da transmissão dos discursos e, assim, de reconhecer a pluralidade das operações e dos atores implicados tanto na produção e publicação de qualquer texto, como nos efeitos produzidos pelas formas materiais dos discursos sobre a construção de seu sentido. (1999, p.1)

Desse modo, para dar sentido à construção do discurso do autor neste caso é fundamental conhecer o meio em que ele acontece e se transforma e quais as implicações dessa transformação no espaço da cidade e na formação do indivíduo. Metodologicamente a pesquisa possui caráter bibliográfico, tendo como base a historiografia em trabalhos realizados a respeito da cidade de Parnaíba como elemento norteador da exploração do apanhado de memórias na obra de Humberto de Campos.

A obra **Memórias** é publicada no ano de (1933), tendo ainda uma continuidade intitulada **Memórias Inacabadas** (1935), em que residem as experiências de vida do escritor. A obra de Humberto de Campos é vasta e está registrada em publicações de crônicas, poemas, contos e ensaios. Faz-se notar a relevância da figura do escritor por ter sido decretado no ato governamental (Dec.-Lei nº 743, de 13.12.1934) a mudança do nome de sua cidade natal a então Miritiba no maranhão para Humberto de Campos. Momento ao qual se encontra o autor acometido por uma enfermidade (diagnosticado com hipertrofia da hipófise) busca a partir de 1912 reunir o compilado de seu trajeto de vida o qual recebe quantitativa parcela a cidade de Parnaíba ao lembrar o período de sua residência no lugar.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Biografia de Humberto de Campos disponível em: [https://www.ebiografia.com/humberto\\_de\\_campos](https://www.ebiografia.com/humberto_de_campos)

## **TECENDO A CIDADE PELOS FIOS DA MEMÓRIA: PARNAÍBA ATRAVÉS DE HUMBERTO DE CAMPOS**

Deste modo, para dar sentido à construção do discurso do autor neste caso é fundamental conhecer o meio em que ele acontece e se transforma. Assim, o capítulo de número XVIII no qual aparece a primeira menção a cidade de Parnaíba nos permite observar uma primeira impressão que o autor tem da cidade além de aspectos da infraestrutura da mesma:

As ruas eram largas e numerosas, mas de areia solta: dos seus seis sobrados, três se achavam em ruínas, desabitados, e entregues aos morcegos e às corujas; o comércio guardava o seu sortimento nas prateleiras, nada deixando fora do balcão. Não tinha gás, não tinha carruagens, não tinha bondes. (CAMPOS, 2009, p.84).

O escritor ainda faz uma aproximação com a sua cidade natal a então Miritiba - MA, atual Humberto de Campos, “A impressão que Parnaíba me deu foi, em suma, a de uma Miritiba grande.” A cidade de Parnaíba apesar de possuir um território maior, apresenta-se para a observadora como menos desenvolvida dada a aparência de suas ruas, pelo sistema de tráfego e o funcionamento do comércio como também a disposição das moradias. O contraponto com o Estado do Maranhão é realizado a partir da transição econômica que o estado do Piauí faria apenas no século XX como destaca Ciarlini:

Quando então o século XX se abriu, anunciando o crescimento econômico ao norte piauiense e, por consequência, a modernidade, comerciante e industrial parnaibanos e estrangeiros que fixaram residência na cidade empreenderam “campanhas cívicas” de interesse ao município, que já àquele tempo ansiava por melhores estruturas para seu intercâmbio comercial com outros países. (2016, p.59).

A então chegada dos Campos no Piauí ocorre no ano de 1893, com o falecimento do pai a família se muda em busca de melhores condições de subsistência, o que pode soar contraditório tendo em vista a relação de desenvolvimento entre os dois estados, mas como destaca o autor a família após a perda do pai não pode se manter e foi forçada a migrar tendo ainda como ele próprio atribui a sua formação o impacto da mudança, não só física mas de posição social na nova cidade:

A NOSSA mudança de Miritiba, onde meu pai era tudo e não nos faltava nada, para Parnaíba, onde éramos nada e nos faltava tudo, começou a influir, muito cedo, na formação do meu caráter. Eu reconhecia intimamente a inferioridade da minha condição. No meio de primos que possuíam pai, e cujo pai os podia cercar do necessário e do supérfluo,

doía-me o tratamento que me davam, quando era encontrado sozinho, e que se modificava um pouco na presença de minha mãe. (CAMPOS, 2009, p.100. Destaque do autor)

A caracterização das fronteiras sociais as quais o autor se encontrava imerso são indiciários também de uma operação que correlaciona educação e política como determinantes do futuro das porções da sociedade parnaibana da época e também do regime de um dos principais fatores que contribuiu para a transição da cidade para um novo ciclo econômico a circulação de periódicos, vejamos, pois como se dá essa relação:

Havia, assim, entre os filhos do sr. James Clark e a maior parte dos meninos de Parnaíba uma escada com 25 degraus. E essa escada exercia em nossa educação e nos nossos destinos a influência, que Eliseu Réclus descobriu, e a que Joaquim Nabuco se refere, das quedas d'água na vida dos peixes. Essa escada era uma cachoeira que determinava a formação de duas faunas ictiológicas nas águas rolantes do mesmo rio". (CAMPOS, 2009, p.130)

Aqui o autor faz referência a uma das famílias que mais exerceu influência na cidade os Clark<sup>4</sup>, nota-se aqui ainda que de forma poética que a divisão entre as diferentes classes existia de forma evidente materializada aqui na escada de um sobrado onde residiam os filhos de pessoas influentes como é o caso dos já mencionados Clark. Concomitante a isso, deve-se destacar a movimentação de periódicos e o tipo de relacionamento que a cidade mantinha com a prática da leitura, para isto destacamos:

Em Parnaíba, assim como em outras cidades do país, os jornais eram escassos. Humberto de Campos relata tal carência na circulação de impressos nos fins do século XIX; segundo ele, estes eram publicados quando "se aproximava uma eleição federal, ou de governador, ou se previa uma cisão política em algum dos grupos tradicionais". Nesse período então "desempoeirava-se um dos dois prelos sexagenários que dormiam em algum recanto do armazém de couros, e surgia um quinzenário de quatro páginas quase apagadas (...)". Por conta disso, "os jornais surgiam e desapareciam, conforme as conveniências do momento". (SILVA, 2018, p.23).

A relação entre a publicação de periódicos e o comprometimento com a notícia é praticamente nulo, exceto pela ocasião de atender a necessidade de determinados nichos políticos, como podemos ver ainda em **Memórias**, o acesso à informação seja ela de jornalística ou literária era anêmico e o pouco que havia a disposição também se encontrava inacessível para a maior parcela da população:

---

<sup>4</sup> James Clark e Anna Gonçalves tiveram seis filhos. A família Clark muito conhecida na época, então aos seus filhos foram concedidos alguns nomes públicos da cidade de Parnaíba, como terminal rodoviário com o nome de Terminal Rodoviário Septimos Clark, Rua James Clark no Bairro de Fátima, Rua Oscar Clark, no centro da cidade, e bairro Mendonça Clark. (ARAÚJO e ARAÚJO, 2018, p.126)

Parnaíba não possuía bibliotecas nem, sequer, livrarias. [...] Dois ou três rapazes possuíam escondidamente as suas dezenas de volumes, mas não os emprestavam a ninguém. O gosto das letras era, em suma, tão clandestino como os amores dos homens casados. Existia, mas secretamente. Ninguém falava dele. (CAMPOS, 2009, p.193).

Assim, o período em que Humberto de Campos residiu em Parnaíba consiste na sua fase de letramento, fato este que liga aos demais pontos a situação das escolas e outro aspecto importante para a acepção de espaço, a família.

FOI EM 1894, já nos últimos meses, que iniciei, em Parnaíba, a minha instrução primária. Não era tarde, mas, também, não era cedo. Eu ia completar oito anos no mês seguinte, quando, em setembro, surgiu em mim o desejo de aprender. (CAMPOS, 2009, p.103)

Aqui o autor relata a idade tardia a qual teve iniciado seu estudo primário, conferindo a si entusiasmo para com a atividade, porém há que se observar que por mais inclinado ao aprendizado que fosse o mesmo, é na figura materna que encontramos a primeira figura de mestre. Exercendo a primeira de inúmeras operações transformadoras na vida do jovem Humberto:

À noite, enquanto meus tios e tias se achavam na novena, ficava eu, com a minha mãe, na sala de jantar, à claridade do lampião de querosene, curvado sobre o abecedário encardido, ou a cobrir com tinta os riscos, ou as letras, que ela fazia a lápis. (CAMPOS, 2009, p.103).

Dentro da nova configuração a qual se encontravam os Campos é notório que os seguintes fragmentos venham fazer inferência a preocupação da mãe que mesmo sem condições de colocar os filhos na escola os submetia o contato com a leitura e a escrita. Ainda no que se refere à intervenção da figura materna o autor destaca:

Minha mãe submetia-me à prova de leituras e, à noite, à de caligrafia. Apenas, como meu avô ensinara minha mãe a escrever apoiando a mão sobre o dedo mínimo, entendia ela que a escrita não sairia certo sem essa particularidade. (CAMPOS, 2009, p.118)

No trecho seguinte é possível perceber alguns aspectos que remetem às festividades e tradições da cidade. É ainda aproveitável a passagem para destacar que por se tratar do festejo da santa padroeira da cidade existia nessa ocasião a remota possibilidade de um efeito carnalizante da população em que a fé e a confraternização, possibilitariam um momento de equidade nas diversas instâncias da sociedade presentes nas confraternizações onde os mecanismos de segregação ainda em fase de aperfeiçoamento estariam parcialmente ofuscados:

Surgiu como uma paixão, transformada em entusiasmo. De tal maneira que, estando a realizar-se por esse tempo, o novenário da Senhora da Graça, que era a mais animada festa católica da cidade, eu preferia deixar-me ficar em casa, à noite, com a minha carta de ABC, a ir ver os foguetes e os balões, e escutar a música de arraial, nos risonhos coretos enfeitados. (CAMPOS, 2009, p.103).

É ainda pertinente a menção do período ao qual a família residiu na localidade dos Morros da Mariana região que faz fronteira a Parnaíba. Esse momento constitui uma escassez de recursos do qual dispunham para se manter e para o remanejamento forçado para a região revela ainda como se dava a infraestrutura da localidade:

Morros da Mariana era um simples povoado de pescadores, tendo uma centena de casas de palha e nenhuma de telha. Impensado entre morros de areia fina, alguns de uma centena de metros de altura” [...] “Não havia repartição ou capela. Apenas, como traço eventual de civilização, uma pequena escola de primeiras letras cujas paredes eram troncos de carnaúba e cujo pavimento era de areia solta. Duas ou três vendas pobres. E junto ao porto, cercado por montes de bagaço que os grandes bois comiam melancolicamente, um engenho rústico, movido por parselhas bovinas, e que transformava em aguardente, ou em rapadura grosseira, a produção dos canaviais particulares que ficavam na região baixa, do outro lado do rio. (CAMPOS, 2009, p.139).

Para além da falta de recursos e estrutura, os residentes da localidade tinham de lidar com outro fator, à distância, com destaque para as situações de enfermidade como é relatado em **Memórias**:

Foi aí, todavia, que me assaltou a enfermidade mais grave de que se ressentiu a minha infância. Eu devia ter uns dez anos. Foi uma febre, não sei se palustre ou tífica. Sei que foi tão alta, e tão persistente, que perdi os sentidos durante muitos dias. [...] Não havendo farmácia senão em Parnaíba, tinha-se que recorrer à reza e aos remédios caseiros. Minha mãe pegou-se com a Senhora das Candeias e recorreu ao chá de sabugueiro. (CAMPOS, 2009, p.141)

Ainda no tocante a tradição pode se perceber que a crença exercia por vezes o papel de substituto em se tratando de casos como o mencionado, além de por via desta, outra personificação da figura materna nos é revelada, onde na falta de um médico a mãe assumia esta posição recorrendo à medicina popular. Outra questão que se faz necessária para adentrar mais a fundo na caracterização da situação a qual se encontravam não só os Campos mas a grande parcela das famílias pobres além das condições de moradia são as de subsistência, como aponta Silva

Enquanto que para os abastados essas transformações pareciam o prelúdio de novos e auspiciosos tempos, em que o poderio das famílias seria exposto na imponência de suas casas e nos espaços privados de

convivialidade, aos pobres significou um tempo de aperfeiçoamento dos mecanismos de segregação social. Aqui tratamos do problema da moradia, buscando compreender a origem dos trabalhadores pobres em Parnaíba, seus deslocamentos e os limites socialmente impostos a eles; e as formas como tentavam driblar as adversidades para morar e viver na cidade. (2016, p.70).

Encontramos correlação com a condição do trabalhador no fragmento de **Memórias** que exemplifica a densidade da problemática de conseguir renda mediante as possíveis ofertas de trabalho da época, vejamos:

Foi por esse tempo que, desesperando de dar-me um destino melhor, minha mãe me afastou da escola, com a ideia de consagrar-me a um ofício. E a profissão escolhida, não por ser a do seu agrado, mas pelas facilidades em encontrar um mestre, foi a de alfaiate. Havia motivos, na verdade, para não tergiversar na escolha. Parnaíba, cidade ainda pobre, possuía duas alfaiatarias, cujos proprietários, tesouras da oficina, dispunham de recursos e viviam cercados de considerações e de crédito. (CAMPOS, 2009, p.150)

A alfaiataria aparece como uma atividade que requereria menos tempo em empenho para seu aperfeiçoamento, sendo possivelmente também uma das poucas opções as quais as famílias pobres poderiam recorrer. Ainda no final do trecho pode se perceber que os alfaiates dispunham de recursos para fazer as vezes de fiadores de pequenas quantias para sua clientela que pela quantidade de alfaiatarias existentes concentrava todo sortimento de clientes a procura dos seus serviços.

Sobre a situação da atividade comercial no percurso do final do século XVII até o início do século XX Ciarlini aponta:

Parnaíba, em fins do século XVII, iniciou aquele que é considerado o seu primeiro ciclo econômico, desenvolvendo-o progressivamente no correr do século XVIII e findando no início do século XIX, advindo do comércio de carne de charque. [...] Com o fim do ciclo das charqueadas, ocasionado pelo declínio do comércio de charque, o século XX chega anunciando o segundo ciclo, impulsionado pelos principais produtos de sua exportação: o coco babaçu que no Nordeste Ocidental, foi uma das maiores culturas naturais, tendo o Piauí, no ano de 1941, a segunda maior produção brasileira (28.051 toneladas), perdendo apenas para ao Maranhão. (2016, 2016, p. 39).

Humberto de Campos traz ainda em outro momento de suas memórias ainda referentes ao tempo que foi aprendiz de alfaiate a influência da atividade comercial na sua vida:

As funções modestas, e convencionalmente humilhantes, que eu então exercia, impressionaram, parece, os parentes que se ligavam a mim pelo sangue de meu pai. Entregando roupa na rua, ou abanando fogareiro na

porta de uma alfaiataria, eu constituía, evidentemente, uma acusação viva aos meus tios paternos, todos prósperos, e alguns dispendo, mesmo, de fortuna considerável. Daí, creio, a ideia, que tiveram alguns deles, de propor a minha volta à escola, indo eu, depois das aulas, trabalhar, como empregado de balcão, na casa comercial do meu tio Emídio Veras. O comércio havia sido a profissão de meu pai, e a base da prosperidade dos seus irmãos vivos. Era preferível vender fazenda, como negociante, a cortá-la, como alfaiate. (CAMPOS, 2009, p.154)

A veia comercial da sua família o proporcionou uma mudança ainda que pouco significativa em relação a sua renda, mas que acarretaria em furtá-lo a certo desprestígio social. Não havendo outros jovens a mesma probabilidade de serem acorridos por suas famílias estariam estes destinados a desempenhar atividades laborais mais rústicas e que contemplavam-nos ainda um sub-status na sociedade como se pode verificar no registro do autor. A família pode ser encarada também como fator que assegura um melhor futuro para o jovem, pois não havendo necessidade de ter de optar entre continuar seus estudos e procurar um ofício, estabelece um limite par ao espaço família condicionado a mãe ao que representa paralelamente uma extensão dele.

Apesar da extensão das áreas do comércio e os investimentos feitos no mesmo e a ideia de progresso que começa a se construir entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX como resultado do ingresso da cidade em um novo ciclo econômico, existe em contrapartida a situação de subsistência a qual os trabalhadores que operam muitas das ações ligadas diretamente com o fluxo comercial, como no caso em que os trabalhadores portuários se encontravam. O que denota além, da improbabilidade de uma perspectiva tão gloriosa quanto a iminente Parnaíba do novo século preconizava, deste modo podemos perceber o que esta classe desprivilegiada pressupunha de estimativa para o futuro no seguinte fragmento:

O que eu via em redor de mim, fora do quadro escuro da nossa casa em que se lutava heroicamente pelo pão, era o tumulto das misérias humanas, a glorificação dos atos criminosos, e uma pequena humanidade arrastada, pela pobreza ou pela mediocridade do ambiente, para as sarjetas da vida e do mundo. [...] A casa comercial do meu tio Emídio Veras – E. Veras & Filhos – era, como disse em outra parte, a primeira da Rua Grande, em frente ao Porto Salgado. Diante dela ficava o trapiche onde atracavam os vapores fluviais que faziam a navegação do Parnaíba, e as barcaças carregadas de algodão, de couros, de cera de carnaúba, de cereais, dos artigos que o Estado produzia para exportação. Por toda a extensão do pequeno cais, que tomava a largura da rua e era continuado pelos telheiros dos armazéns da Alfândega, enxameava todo um mundo de estivadores, pretalhões e caboclos despidos da cintura para cima e da coxa para baixo, e uma infinidade de pretinhas adolescentes, ou velhas megeras desgrenhadas e sujas, que se degradavam na embriaguez e na prostituição. (CAMPOS, 2009, p.182)



Deste modo como destaca Silva (2018, p.73):

É preciso ao reconhecer a habilidade dos dominantes em usar do trabalho como ferramenta de purificação dos hábitos dos pobres; se por um lado havia os que viam na “coexistência da riqueza e da pobreza uma evidência dramática da injustiça social, um constante convite à inveja, descontentamento e dissensão”, outras “a consideravam um meio de melhoria social, e que os luxos dos ricos ofereciam emprego e sustendo aos pobres e assim a oportunidade de ‘melhorar’”.

No caso de **Memórias** pode-se perceber em relato do autor como este pensamento se configura:

Tudo, nesse ambiente, respirava coragem, valentia, força física, e, quase sempre, ingênua, leal e desassombrada ferocidade. Enquanto repousavam, a conversa possuía como objeto, ordinariamente, a vida e os feitos dos mais destemidos, especialmente as lutas a cacete ou a faca, armas que eram, entre eles, as únicas dignas de um homem decidido e valente. [...] Não obstante a severidade com que meu tio condenava tais cenas, sustentando-as com um grito de reprovação e de ameaça, eu não podia fugir ao contacto desse mundo, e à influência instintiva desse hábito. (CAMPOS, 2009, p.183).

No primeiro momento o autor compreende os costumes e o modo de agir daqueles homens estigmatizados, que escondem por detrás do ambiente rústico e agressivo uma das formas de aquelas pessoas dispunham para sentirem a mínima segurança ou dignidade, mesmo se encontrando na situação de marginalização. No segundo presenciamos a influência dos costumes, ou “valores” do meio em que Humberto de Campos encontrava-se inserido e a predominância quase inevitável desta mesma na formação do seu juízo de valor.

Por outro lado percebe-se que outra movimentação de fundamental importância não só para a atividade comercial, mas também para a construção de uma população letrada e promoção da segregação da mesma foi o surgimento da tipografia, mesmo que de forma tímida:

E foi então, quando ocorreu à minha mãe meter-me como aprendiz numa oficina tipográfica, ressuscitada nos últimos dias de 1899. Acabava-se, na verdade, de fundar em Parnaíba uma folha quinzenal, para aproveitar uma tipografia, berço e túmulo de todos os jornais que a cidade havia possuído naqueles quarenta anos mais próximos. [...] Intitulava-se **O Comercial** a nova gazeta parnaibana. (CAMPOS, 2009, p. 208).

Como abordado anteriormente, as primeiras atividades de publicação seguiam uma demanda tendo além do agravante de estarem condicionadas aos interesses de um grupo específico (uma elite política) a pouca relevância do cotidiano da cidade para eles: “três ou quatro dias após a minha estreia na oficina, comecei a aprendizagem da composição.

Compunha, a princípio, unicamente, anúncios. Depois passei às notícias, que jamais se referiam a fatos locais.” (CAMPOS, 2009, p. 210)

Há destaque ainda para as precárias condições do material utilizado para a fabricação dos periódicos, Humberto de Campos registra qual era a condição do mesmo em 1899 quando de seu contato com a atividade:

O material tipográfico era antiquíssimo. Os tipos, que vinham trabalhando desde a Monarquia em diversos jornais parnaibanos, achavam-se já tão gastos que haviam letras quase indiferençáveis. Além disso, por vezes os jornais atrasavam a data de circulação: Não raro, quando ele circulava anunciando que um assinante se achava enfermo, este já se encontrava, há quase uma semana, debaixo da terra. (CAMPOS, 2009, p. 259)

No que se refere à tipografia é relevante destacar o entendimento que o autor atribui em suas **Memórias** ao ofício:

O tipógrafo antigo, transformado no linotipista do nosso tempo, representa, assim, o ponto mais alto, na pirâmide operária. Ele é a coroa, e constitui, pode-se dizer, o elemento de ligação entre o proletário intelectual e a grande massa do operariado. Daí a felicidade com que, não raro, ele se transfere de uma profissão para outra, substituindo o componedor, ou a linotipo, pela mesa do gabinete, como escritor, ou pela mesa da redação, como homem de imprensa. Foi sobre a caixa de composição que Walt Whitman se fez poeta. Foi sobre esse mesmo aparelho de prestidigitação que Machado de Assis se fez romancista. E foi na oficina, que eu recebi, quase insensivelmente, esta paixão pelas letras, alegria e tormento da minha vida. (CAMPOS, 2009, p. 245)

Ao analisar este trecho, pode-se identificar elementos tais como o entendimento da segregação social por meio dos desígnios da carência de representatividade do cotidiano, que sequer chegava às mesas da tipografia. A consciência do que o desempenho da sua função representa (ou poderia representar) na sua classe também como o serviço prestado poderia atender as demandas da população na possibilidade de uma prática efetiva. Todavia, existe no discurso do autor o sentimento de que a vinda do século XX traga consigo uma repaginação do itinerário vigente até então na protocélula da vida intelectual parnaibana, ainda que em face da disparidade de acesso a mesma:

O mês de dezembro de 1899 decorreu, na verdade, na esfera em que eu passava a exercer a minha atividade, festivo e animado. Os telegramas do Rio de Janeiro, que os jornais maranhenses publicavam, anunciavam grandes demonstrações de regozijo por toda parte. O ‘Século das Luzes’ ia apagar-se, legando ao que lhe vinha suceder uma infinidade de conquistas que o anterior jamais imaginara (CAMPOS, 2009, p.252).

Pode se verificar que à medida que a cidade inicia um novo ciclo na economia e uma transformação nos veículos de comunicação, as manifestações da mudança encontram-se evidenciadas nas páginas do século XX como aponta Ciarlini (2018, p.47):

Do despontar dos primeiros meses do século XX às primeiras manifestações organizadas de trabalho intelectual, palavras de ordem pareciam cada vez mais presentes nas páginas da imprensa, dentre as quais “civilização” (Nortista) e “progresso” (Almanaque da Parnaíba, Gleba et al.). A cidade, na segunda década daquele século, portanto, “civiliza-se”.

Entretanto, a caracterização da cidade de Parnaíba no final do século XIX aqui proposta não trata tão somente de elencar alguns dos aspectos de considerável relevância para o progresso da mesma, mas também de contrapor a visão da crônica dos vencedores como atributo da belle époque parnaibana relegando não aqueles que figuram na historiografia os louros da mudança, mas àqueles comumente esquecidos e menos afortunados que o autor das Memórias, mas verdadeiros responsáveis por promover a inserção da cidade na dita civilidade, os operários dos muitos setores e classes menores do funcionamento de uma sociedade, como coloca Silva (2018, p. 230):

Na Parnaíba do início do século XX, a utopia da modernidade foi um desejo de poucos, os quais triunfaram no controle da narrativa do passado. Josep Fontana, realiza crítica a tal narrativa, como “uma fábula de progresso universal em termos eurocêntricos (...), que tem, como protagonistas essenciais, os grupos dominantes, políticos e econômicos das sociedades desenvolvidas considerados os atores decisivos deste tipo de progresso.”

Isto posto, promove-se uma relação de disparidade entre as partes que se relacionam como veículo de uma sociedade onde o mesmo advento adentra em esferas reais e de significância completamente opostas entre si, a revisitação às Memórias de Humberto de Campos podem servir como um dos pontos de partida para através da construção de um cronotopo<sup>5</sup> entre estas duas faces da mesma persona e da história aqui sob a ótica das transformações estruturais e do funcionamento de algumas instituições aspiram uma contraposição ao entendimento do progresso no período mencionado.

O que está em jogo no discurso da literatura sobre a literatura não é somente a historicização das categorias que consideramos espontaneamente como universais, mas também a introdução de uma inquietação essencial no que se refere à relação do leitor com o texto e, finalmente, à própria identidade deste leitor (CHARTIER, 1999, p.11).

Nesse sentido, a obra **Memórias** ganha um lugar de destaque na obra de Humberto de Campos - composta ainda por crônicas e poesias - tornando-se uma referência historiográfica nos estudos sobre a cidade.

---

<sup>5</sup> Conjuntos de relações necessárias entre o espaço e o tempo na obra de arte literária. (SILVA, 2009, p. 148)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contemplar uma investigação acerca da produção literária de um dos intelectuais que alcançou reconhecido destaque dentre os contemporâneos de sua geração, é também reconhecida uma imagem de um dos referidos objetos de suas memórias a cidade de Parnaíba, que contrasta no que constam seus relatos com a perspectiva do iminente progresso que insurgia com a passagem para o século XX na então Parnaíba do século XIX.

Assim, é verificável a existência de elementos que contemplam a caracterização de um aspecto de desenvolvimento que se dissocia desta visão. Podemos sugerir a abertura de um leque de investigações sobre a possibilidade através do produto literário como meio de mapeamento do ambiente de sua produção e referência, considerando os limites existentes na obra e aliando tais discussões aos registros históricos que competem ao período assim como seus conseguintes.

O apanhado das memórias bem como das situações descritas na obra nos proporcionam um observatório dos costumes, da organização social e da própria estrutura física da cidade que se modela através do ideário infantil do autor, onde a construção do espaço pelo homem é também a construção do homem pelo espaço em um processo simbiótico, contudo a pesquisa não se encerra apenas em buscar promover essas relações entre a literatura e a história, encontrando também na possibilidade da abertura para diálogos e investigações acerca do assunto.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J.B; ARAÚJO, H.C.M. *A casa inglesa e venda da cera de carnaúba* In OLIVEIRA, L.S; LUCAS, J.O; DAMASCENO, D.R. **Parnaíba sob múltiplos olhares: pesquisa e desafios historiográficos contemporâneos**. Parnaíba: Sieart, 2018.

CAMPOS, H. **Memórias e Memórias inacabadas**. São Luís: Instituto Geia, 2009

CHARTIER, R. **Debate Literatura e História**. Topoi, Rio de Janeiro, nº 1, pp. 197-216.

CIARLINI, D. C. B. **Literatura, imprensa e vida literária em Parnaíba**. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba, Gráfica e Editora Sieart, 2016.

SILVA, A. **A pobreza Urbana em Parnaíba**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2018.

SILVA, M. C. Crítica Sociológica *In* BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009.